

Prémio UC visto como “acto de generosidade e reconhecimento”

Pinho Vargas enalteceu “significado” do galardão vindo de uma universidade com “uma enorme importância em Portugal, pela sua antiguidade e estatuto”

■ António Pinho Vargas, que recebeu ontem o Prémio Universidade de Coimbra (UC), considerou a distinção «um acto de generosidade e de reconhecimento». «Este prémio significa muito para mim», confessou o músico e investigador a quem foi entregue o galardão – no valor de 25 mil euros – no auditório da Reitoria, durante a cerimónia dos 722 anos da UC.

O investigador do Centro de Estudos Sociais agradeceu ao júri, presidido pelo reitor, realçando que a UC «tem uma enorme importância em Portugal, pela sua antiguidade e pelo seu estatuto», nacional e internacional, e João Gabriel Silva considerou que o trabalho realizado pelo vencedor «legítima a opção» do júri.

Pinho Vargas proferiu uma conferência baseada na obra “Música e poder – Para uma sociologia da ausência da música portuguesa no contexto europeu”, publicada em 2008, que foi tema da sua tese de doutoramento em Sociologia, orientada por Boaventura de Sousa Santos. Retomando alguns aspectos da sua intervenção, o galardoado criticou «a aceitação por parte da sociedade portuguesa da sua subalternidade face aos países centrais» da Europa.

Esta situação «manifesta-se na actividade cultural em geral», sendo ainda «um problema que atravessa» a sociedade portuguesa, reafirmou à Lusa. Este «não é um problema exclusivo da música erudita», a área cultural que foi especialmente estudada na sua tese de doutoramento. «O espaço



ANTÓNIO PINHO VARGAS recebeu prémio das mãos do reitor João Gabriel Silva

que os jornais davam, há alguns anos atrás, para a crítica de música tem vindo a diminuir cada vez mais», lamentou, referindo outros dos aspectos da sua intervenção, abordado na fase de debate com o público.

Críticos mal pagos levam a descida de qualidade

Os críticos de música «queixam-se que, muitas vezes, escrevem e não sabem se vai ser publicado», numa época em que os jornais se debatem, designadamente, com «diminuição da publicidade e menos páginas» nas edições. «Eles próprios vivem o seu pro-

blema», declarou Pinho Vargas à agência Lusa. Havendo «dificuldade em ter críticos pagos à peça – e alguns muito mal pagos, segundo ouço dizer – isto, naturalmente, gera uma descida da qualidade», afirmou.

A apresentação do vencedor do Prémio UC coube a Manuel Rocha, director do Conservatório de Música de Coimbra, que, citando Pinho Vargas, afirmou: «O português gosta muito da expressão “de nível internacional”, que aplica a tudo (...) Este discurso corrente faz-me oscilar entre o riso e o choro. A aplicação deste discurso ao campo particular [da música] é

uma mentira, porque musicalmente, Portugal não existe em termos internacionais».

O prémio UC «este ano foi outorgado a um homem que diz de si próprio ter tantos nomes quantas as oficinas que lhe vão sendo território de muitas muitas músicas e de outras tantas reflexões», continuou o director do Conservatório de Música. «Direi melhor o que penso de Pinho Vargas, cidadão do áudio-mundo, se o disser por palavras suas: ‘sou um músico político, porque reflito sobre as condições sociais de produção daquilo que faço’, rematou Manuel Rocha. |